



Contextos CLÁSSICOS

Universidade Federal de Alagoas - Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente
Programa de Pós-Graduação em Geografia
<http://www.seer.ufal.br/index.php/contextogeografico>

AOS POBRES PERTENCE O REINO DA TERRA¹

Josué de Castro²

Após esta brilhante e instrutiva discussão em torno dos graves problemas da corrida aos armamentos e do uso das armas atômicas, pouca coisa tenho a acrescentar sobre o assunto. Apenas algumas palavras para ressaltar certos aspectos que me parecem essenciais na luta mundial pela paz, pondo em relevo toda a extensão do perigo que pesa sobre o mundo pela intempestiva corrida aos armamentos de guerra.

Este perigo não está apenas em relação direta com o espantoso poder destrutivo das armas atômicas, capazes de aniquilar toda a humanidade, como vem sendo revelado pelos homens de ciência que se ocupam do estudo da energia nuclear. Sabe-se, na verdade, que o lançamento em larga escala das bombas atômicas provocará rapidamente uma contaminação radioativa de toda a atmosfera terrestre, da qual resultará o desaparecimento de toda espécie de vida na superfície do solo: a vida humana, a vida animal e a vida vegetal. E o homem, que construiu toda a civilização, que soube cobrir a terra de um revestimento variado de criações humanas, que escreveu, enfim, com suor e com sangue a história da humanidade na própria pele da terra, desaparecerá de vez deste planeta, reduzido então a uma carcaça envolta no silêncio da eternidade. Não é apenas este o perigo que pesa sobre o nosso mundo através do armamentismo e da utilização da energia atômica como arma de destruição maciça. Há outro que ameaça a paz de maneira indireta. É que as armas de guerra custam somas fabulosas. Todos sabemos que os orçamentos de guerra das grandes potências, neste período chamado de guerra fria, são orçamentos astronômicos que esmagam a própria humanidade, pois fazem concentrar numa atividade negativa, numa atividade destrutiva, recursos econômicos que deviam ser empregados no bem-estar das coletividades. É este o ponto que eu desejo pôr em destaque através da apresentação de certos dados estatísticos que exprimem com a eloquência dos números a louca política armamentista.

Sabemos bem que o maior perigo contra a paz é o desequilíbrio que divide o mundo no momento em dois mundos antagônicos, com um antagonismo maior do que o antagonismo físico dos dois pólos da Terra ou o antagonismo econômico dos dois mundos ideológicos – o do mundo soviético e o do mundo capitalista ocidental. O que divide os homens não são as coisas em si, mas as opiniões que eles têm das coisas – as suas idéias. E as idéias dos povos ricos são bem diferentes das idéias dos povos miseráveis. Se estudamos o que se passa no mundo atual sob o ponto de vista econômico, podemos ver, através dos dados recolhidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), coisas assustadoras. No nosso mundo atual, os 20 países mais ricos do mundo, que concentram apenas 16% da população mundial, desfrutam uma renda de mais de 70% da renda universal. E, no entanto, no outro extremo, os 15 países mais pobres do mundo, nos quais se concentram mais de 50% da população mundial, não dispõem de 10% da renda total do

mundo. Êste contraste econômico mostra como é difícil obter a paz universal sem a unidade dos mundos, sem a unificação e a compreensão integral do mundo, sem a unificação que permita a coisa mais difícil dos nossos tempos, que é a convivência do homem com o próprio homem. Não se alcançará jamais uma paz estável num mundo dividido entre a abundância e a miséria, entre o luxo e a pobreza, entre o esbanjamento e a fome. É absolutamente necessário terminar com esta tremenda desigualdade social. Infelizmente cada vez mais se alarga o fôssô que separa os países ricos e os países pobres, os países chamados bem desenvolvidos – industrial e tecnicamente – e os países que se chamam subdesenvolvidos. É hoje noção universalmente aceita de que 2/3 da humanidade continuam morrendo de fome. Êsses 2/3 de subnutridos e famintos se concentram exatamente nas regiões chamadas subdesenvolvidas do mundo.

Será que êste sombrio mapa da fome, esta geografia da fome, com suas manchas que envergonham a própria humanidade, tende a clarear um pouco? Possuímos alguns dados que são aparentemente encorajadores. Os inquéritos levados a efeito pela FAO revelam o fato animador de que, nos últimos quatro anos, a produção alimentar no mundo aumentou numa proporção de 3% por ano, enquanto o crescimento da população mundial foi de apenas 1,5%, isto é, que o aumento da produção de alimentos corresponde ao dôbro do crescimento da população. Êstes fatos demonstram a falacidade dos argumentos de que é impossível acabar com a fome do mundo de acôrdo com aquêlê velho conceito malthusiano de que o mundo tem que perecer irremediavelmente de fome porque o crescimento da população se faz numa progressão muito mais intensa do que a do aumento da produção de alimentos. Os fatos contestam definitivamente esta hipótese arcaica e desmoralizada. O mundo dispõe de recursos suficientes para nutrir uma população muito mais densa do que a população atual. A natureza não é mesquinha, não fornece recursos insuficientes. Quem tem sido mesquinho é um certo tipo de humano, representante dos grupos sociais que se apoderaram dos recursos naturais e procederam a uma divisão injusta e desigual. Mas se os dados recolhidos pela FAO dão uma impressão de melhoria do retrato alimentar do mundo, na realidade é apenas aparência, porque êste aumento da produção alimentar se processou quase exclusivamente nos países bem desenvolvidos. Nos países famintos, nos países subdesenvolvidos, a produção continua a ser insuficiente e seu crescimento não corresponde ao crescimento de suas populações. Na nossa economia do lucro não basta produzir, desde que os grupos subdesenvolvidos não dispõem de um poder aquisitivo suficiente para absorver a produção. Daí reaparecer na economia do mundo o problema da superprodução, o grave problema dos excedentes de alimentos que são acumulados sem que se saiba como utilizá-los, desde que os países pobres não dispõem de divisas para importá-los. Chegamos à mesma situação crítica de antes da última grande guerra, quando em 1930 os economistas reunidos numa conferência mundial em Genebra chegaram à triste conclusão de que vivíamos num mundo de abundância no meio da miséria e que só havia uma maneira de salvar o mundo: era controlar e restringir a produção, embora a maioria estivesse morrendo de fome. Foi êste espetáculo que permitiu a Kenneth Boulding afirmar que tôdas as civilizações até nossos dias têm sido sempre pequenas ilhas de abundância envoltas num oceano de miséria.

É preciso mudar esse estado de coisas na nossa civilização, que dispõe de recursos adequados para tal fim. Mas o problema não é apenas técnico; é antes de tudo econômico e repousa na necessidade de desenvolver de maneira adequada as regiões subdesenvolvidas do mundo. Infelizmente, estas regiões não encontram os recursos e auxílios suficientes para

sair de sua escravidão econômica. Êstes países têm necessidade de um auxílio internacional para promover os investimentos indispensáveis ao seu progresso econômico. E, infelizmente, não têm obtido êste auxílio porque os capitais são em sua grande maioria investidos nos países bem desenvolvidos nas indústrias de guerra. Eis a razão pela qual vemos relações tão perigosas entre o rearmamento, a pobreza, a miséria e o subdesenvolvimento do mundo atual. Os estudos realizados pelas agências especializadas das Nações Unidas mostram que países subdesenvolvidos necessitam, anualmente, pelo menos de um fluxo de capital de cerca de 15 bilhões de dólares para manter um desenvolvimento regular capaz de promover o desenvolvimento econômico e social desses países. Infelizmente, êstes fluxos de capital vêm minguando progressivamente e nos últimos anos não atingiram dois bilhões de dólares. Como sair desta situação angustiante?

É verdade que há a assistência internacional. Não posso negar que alguma coisa tem sido feita pelos programas de assistência internacional nos domínios da agricultura, da saúde, para melhorar os níveis de vida das regiões subdesenvolvidas. Mas é muito pouco o que tem sido feito e isto porque os recursos materiais, os orçamentos das instituições internacionais que se ocupam desta assistência são incrivelmente insuficientes. O orçamento de todos os organismos internacionais que oferecem assistência técnica aos países subdesenvolvidos não representa a fração insignificante de 1/2% dos orçamentos de guerra das grandes potências.

Vejamos um exemplo significativo: o exemplo da Grã-Bretanha, que depende com a guerra fria 1.650 milhões de libras esterlinas por ano e apenas 40 milhões de libras, ou seja 2,5% do que depende com a preparação da guerra, com todos os programas de assistência técnica às regiões subdesenvolvidas, entre as quais se incluem extensas áreas coloniais britânicas. Por que não cuidam as grandes potências em ampliar êsses programas? Porque concentram o grosso de suas possibilidades econômicas com a fabricação dos equipamentos de guerra.

As regiões subdesenvolvidas, produtoras de matérias-primas, muitas delas necessárias à própria indústria da guerra, têm sua economia sempre abafada pelos interesses dos grandes grupos industriais, ligados às indústrias bélicas. Temos um exemplo dêste fato na América Latina. É fato universalmente reconhecido hoje que a América Latina não pode se industrializar num ritmo adequado por falta de divisas que lhe permitam a importação da maquinaria necessária ao seu desenvolvimento industrial. E por que isto? Será que a América Latina não trabalha e não produz? Através de uma consulta aos dados estatísticos verifica-se que a exportação bruta, em quantidade, de matérias-primas da América Latina é muito maior do que a de antes da última grande guerra. Também a exportação bruta da América Latina por pessoa é muito maior do que a de antes do último conflito mundial. Mas o rendimento dessas matérias-primas, proporcionalmente aos preços dos produtos de importação, é muito mais baixo. Isto traduz bem a força despótica do imperialismo econômico e colonial, que fixa preços baixos para as matérias-primas e preços altos para os produtos industriais fabricados nos países bem desenvolvidos, as grandes potências que continuam a explorar colonialmente uma grande parte do mundo.

A união universal dos povos para uma revisão da economia do mundo constitui a esperança de libertação desta economia colonial, e somente assim poderemos estar certos de vencer a guerra contra a guerra e de ganharmos a paz. É por isto que me parece encorajador o fato de que por toda parte desperte êste sentimento de

compreensão e comunhão universal entre os países sofredores. Na verdade os países subdesenvolvidos levantam-se do seu estado de apatia e de passividade, tomando consciência de sua miséria. Isto foi bem expresso por Nehru, Primeiro-Ministro da Índia, quando afirmou que a fome e a miséria sempre existiram na Índia. São coisas velhas; o que é novo na Índia é a consciência que tem o povo hindu de sua miséria e a impaciência de sair dela. Os povos coloniais têm a consciência de que a miséria e a fome não são fenômenos naturais e sim fenômenos de criação humana, produtos da injustiça social, produtos de uma estrutura econômica que visa apenas ao lucro, ao interesse exclusivo de certas minorias e não ao bem-estar das coletividades. De uma economia viciada no interesse exclusivo dos construtores de calamidades, dos aproveitadores do sofrimento da humanidade.

Não desejo me estender mais, mas apenas fazer um apelo para que seja criado um conselho universal de homens de ciência que denuncie ao mundo os perigos da energia nuclear como arma de destruição maciça e que insista na necessidade urgente de desviar os recursos ora utilizados em armamentos para a luta contra a fome e a miséria universais. Quanto à maneira pela qual devemos agir, ainda não sabemos exatamente, mas é necessário começar a agir. Os homens de ciência e os intelectuais, um tanto descrentes dos políticos, não devem, por isto, manter-se indiferentes. Quando se perguntou a Einstein por que se tinha com relativa facilidade chegado à construção da bomba atômica e encontrava-se tanta dificuldade para o seu controle, ele respondeu que possivelmente porque a política é muito mais difícil do que a física. Ora, como a política é tão complicada, comecemos pelo mais simples, pela aplicação do método científico na possível solução do problema. Os trabalhadores da ciência, os intelectuais, os homens de pensamento, os homens de boa vontade devem reunir-se no mundo inteiro para lutar contra o perigo cego que ameaça nosso mundo.

Há dois caminhos diante de nós: o caminho do pão e o caminho da bomba atômica. É preciso escolher sem vacilação. Eu simbolizo pelo caminho do pão o caminho da justiça social para dar pão a todos os que têm fome, convidando para o banquete da terra os 2/3 que até hoje permaneceram fora da mesa, recebendo apenas nos intervalos algumas migalhas. É preciso que o nosso mundo nos pertença verdadeiramente. Creio que já passou o tempo em que os povos miseráveis se conformavam, segundo a frase das escrituras sagradas, de que também aos pobres pertence o reino dos céus. Devemos pensar que também aos pobres pertence o reino da terra, pois a terra é um bem comum para servir a todos os homens. Se não trabalharmos com energia para nos desviarmos do caminho da bomba, do caminho da perdição, seremos expulsos da terra. E aqueles que perderam o reino dos céus perderão também o reino da terra...

¹Transcrito a partir dos manuscritos do discurso proferido por Josué de Castro ao presidir a sessão dedicada aos estudos sobre as armas atômicas no Conselho Mundial da Paz na cidade de Estocolmo (Suécia), em 1954. Posteriormente foi publicado no livro *Ensaio de Biologia Social*, pela Editora Brasiliense (1957). Por sua incansável luta no combate à fome e a miséria, o autor foi agraciado por este mesmo Conselho Mundial da Paz com o Prêmio Internacional da Paz. Transcrição e notas de Antonio Alfredo Teles de Carvalho, Universidade Federal de Alagoas (UFAL/IGDEMA/Campus A.C. Simões). E-mail: acarvalho@igdema.ufal.br

²Médico, nutrólogo, geógrafo, cientista social e, sobretudo, um grande humanista, nascido em 1908 na cidade de Recife, Josué Apolônio de Castro é um dos mais notáveis pensadores mundiais do século XX.

Foi um pioneiro nos estudos sobre a fome no Brasil, constituindo-se em uma importante matriz sobre a questão alimentar no país. Introduziu a Geografia da Fome no pensamento geográfico brasileiro. A sua vasta obra está traduzida em idiomas que vão do inglês ao chinês, do francês ao árabe, do espanhol ao húngaro e mais de uma dezena de idiomas.